

A ÚLTIMA ÉTAPE

EXCERPTO DO LIVRO A SAÍR BREVEMENTE
DE PORTUGAL A MACAU

A manhã era um dilúvio de opalas, um frémito de esperança. As montanhas tinham uma languidez singular, sob a luz do sol que as ia despidendo da bruma. Sobre um pico mais alto e mais esguio, prendia-se preguiçosamente, um colar de névoa.

Na pista, o «Pátria II» esperava.
Nem uma nuvem no céu.

E em nós, se não vibrava já aquela emoção das horas da partida, falava, porém, inconscientemente, uma voz oculta, a murmurar palavras de inquietação e ansia.

Wintrebert, Jaspar, Puyperou, Maison e Barrés apertam-nos as mãos; tomamos os nossos lugares, e o avião larga, para a última étape.

A última étape! Que magia misteriosa, a dessas palavras! Que sede imensa, era a nossa, de chegar ao fim!

O «Pátria II» fez rumo na atmosfera quente, que, apesar da hora matinal, nos sacudia com violência.

O indicador de velocidade não funcionava, mas aos nossos ouvidos, soava heroicamente, a canção rítmica do Liberty.

O céu luminoso e límpido, era um convite, era uma insinuação.

Quinze minutos depois, Hanoi, que como todas as grandes cidades se levanta tarde, espreguiçava-se, em baixo, no seu leito de arrosaes.

Haiphong, que os aviadores americanos tinham deixado três dias antes, era um montículo de barro, a emergir da planície alagada. No seu porto natural, os navios microscópicos, pareciam deixar-se embalar pela marêta doce do rio.

Brito Pais indicou-me a nossa velocidade média: 170 quilómetros à hora.

Adiante de nós, espalhavam-se agora as águas

do golfo de Tonkin, onde as rochas de Hon-Gay polvilhando as baías de Along e de Fai-tsi-long, teem uma imobilidade espectral, que ao reflectir-se na superfície espelhenta, as transforma em blocos de negrume em suspensão no abismo, dando-nos a impressão de voar fóra do planeta.

Hon-Gay e Ha-tu, com suas minas de carvão, tarjam de luto a costa ravinada.

E o «Pátria II», vento em pôpa, deixando por bombordo, a massa algodoada de cumulus acastelados que surgiam por detraz da serra Tong-tieu, ia sulcando o céu diáfano, que, para leste, se encurvada elipticamente, até perder-se nos confins do horizonte.

O sudoeste fortíssimo impelia-nos sobre essa pitoresca região que se alonga de Mon-Kay a Pak-Hoi, zona infestada de piratas audaciosos, onde seria perigoso aterrar.

Mas o motor funcionava admiravelmente, o tempo conservava a transparência dum dia de Novembro, e no nosso pensamento, só uma idéa vivia, só uma aspiração vibrava: chegar a Macau.

Nós pressentíamos o entusiasmo da brava gente portuguesa, do povo rude e sincero que sente as horas grandes da aventura, e ouviamos ainda, como no instante supremo da partida, o mesmo grito de força e de coragem: «Ávante!».

Pak-Hoi, a importante cidade chinesa onde anualmente se realisa a bárbara feira de mulheres, vendidas a peso como carne de consumo, sobressaiu no terreno avermelhado, em que a vegetação rareia, deixando grandes calvas. Algumas bandeiras, flutuando ao vento, confirmavam a presença de europeus.

Depois foi a concessão francesa de Kouang-tcheou, que a leste da península de Lei-tcheou, nos enviou um pálido sorriso de boa viagem.

A visibilidade diminuiu ligeiramente, mas o vôo prosegue, veloz e normal.

A pouco e pouco, porém, começam a alargar-se os claros-escuros da trovoadas.

Ha já grandes barricadas hostis, que dificultam a orientação.

Pela uma hora da tarde, Yang-Kiang mostra-

se generosamente, numa clareira de nuvens; é uma palpação de vida instantanea, anémica, que bruxuleia um segundo.

Brito Pais escreve-me:

«Yang-Kiang. 208 Km. à hora. Faltam 150.»

A marcha continúa por entre a turba monstruosa que mascarra completamente o horizonte. Aguaceiros violentos, começavam a encharcar-nos, tamborilando na téla tensa das azas. Relâmpagos lívidos, abriam fauces hiantes na obscuridade tempestuosa. E o «Pátria II» bailava, endemoninhado, nos turbilhões da atmosfera revôlta.

Passa-nos pela mente, a idéa de retroceder. Em Kouang-tcheou ha um campo d'aterragem.

Mas Brito Pais pondera:

«Kouang 200 Km. Vento contra. Macau 150».

Subimos a 2800 méetros, nu na tentativa desesperada de ultrapassar a tempestade que nos envolve mais tragicamente.

Em vão.

O vento parecia zumbir aos nossos ouvidos, e as faíscas zig-zagueavam, violáceas, num contínuo relampejar que nos assombrava.

Subitamente, o motôr tem uma ligeira hesitação, e o voltímetro acusa, cruelmente, que a geradora deixou de funcionar.

Teoricamente, devemos poder voar ainda duas horas, mas um presentimento vago penetra sombriamente no meu espírito.

Vinte minutos, depois, Brito Pais indica-me que desça, aproveitando a guela aberta dum verdadeiro pôço de chuva. O «Pátria II» pica, precipitando-se para o sólo, e a poucos metros de altitude e de distância, a ilha da Lapa soergue-se por estibordo, dôrso arredondado a mergulhar na névoa.

Sob o açoite furioso dos aguaceiros densos, rompemos para o istmo de Macau, e passamos sôbre a Ilha Verde e as Portas do Cerco.

Eram, aproximadamente, duas horas e meia.

A agua caía em corinas opacas, negras, intransponíveis.

Numa viragem, que vento diabólico alarga, o «Pátria» afasta-se um pouco, e ao tentar de novo romper, encontra a muralha de agua que avança, e que é impossível vencer.

Brito Pais escreve-me:

«Tente seguir Cantão, rumo norte, rio Cantão».

Aprôo, tento avançar, mas o círculo de agua fechou-se, aperta-nos cada vez mais, e a fúria do vento parece apostada em desfazer o avião.

Voamos a dez metros do mar; já não havia relâmpagos, mas os aguaceiros continuavam a fustigar-nos sem piedade.

De vez em quando, inesperadamente, uma ilha aparecia, montanhosa, abrupta, ameaçadora.

Brito Pais escreve de novo:

«Siga Hong-Kong. Rumo leste. Parece mais aliviado».

E orçando uma vez mais, o «Pátria II» aprôa ao rumo, vento em pôpa.

São cinco minutos de vôo inacreditável, indescritível, irreal. O aparelho parece levado como um farrapo, na violência do furacão.

Emfim, Brito Pais grita-me que vire, apontando a linha férrea de Kou-lung, que brilha, sôbre o terreno a escorrer.

Mas o motor baixa de regimen, vibra assustadoramente, e ao tentar conservar-lhe o número de rotações abrindo a manette do gaz, verifico a inutilidade dos meus esforços.

Em gestos rápidos, exponho a situação aflitiva a Brito Pais, lançando a vista por sôbre a região que os arrozaes xadrezam. Destacando-se pela sua coloração mais verde, enxergo um camposito concavo, único nas cercanias.

O número de rotações diminue, e ao dar uma volta sôbre o terreno, antes ainda de ter aproado ao vento, a hélice pára.

Todo eu sou cuidado...

Mas o avião resalta num montículo de terra, e como o campo é pequeníssimo, — cem méetros de comprido por oitenta de largo, — vai bater de encontro a uma sebe, que lhe páte a hélice e o trem d'aterragem.

Brito Pais salta em terra, e ouço-o dizer-me numa voz em que transparece toda a sua cólera impotente contra os elementos:

«Desça! Desça! Desça!»

que era apenas a necessidade de dizer alguma coisa.

A viagem estava terminada. O «Pátria II» voara sôbre a cidade de Macau depois de ter completado o percurso Portugal-India, do Breguet em

que saíramos de Vila Nova de Milfontes.

Poucos instantes depois de aterrarmos, — a chuva torrencial continuava caindo a cântaros, — um pretenso soldado chinês aproximou-se correndo. Trazia a arma na mão, vinha descalço, e sobre a cabeça, um largo chapéu que mais parecia um cesto.

Tentamos falar-lhe português, francês, inglês. O homem olhava-nos desconfiado, e não dava sinal de entender palavra.

Usando então da mímica mais expressiva que nos foi possível imaginar, gesticulamos-lhe que guardasse o aparelho até voltarmos. E, como os anamitas, o chinês oscilou com a cabeça afirmativamente, mas julgo que não percebeu nada.

A dois quilómetros, um velho burgo, miserável, sujo, era a cidade de Shum-Chum. Brito Pais, mostrou-mo na carta; o território inglês ficava próximo.

E na esperança de encontrar alguém que nos indicasse o caminho (a carta de escala reduzida apenas dava notícia duma linha férrea, que não devia estar longe), avançamos resolutamente para a aglomeração do casario.

Ruas estreitas, tortuosas, nauseabundas, com letreiros berrantes, oscilando ao vento, e uma garotada imuda palrando às portas.

Entramos num armazem cujo negócio não conseguimos definir, e atiro um «Do you speak english?» que os deixa impassíveis.

Seguimos adiante, a uma mercearia. O proprietário sorri amavelmente e dispara-nos uma grotesca lenga-lenga, que devia ser chinês. Como o que pretendíamos saber era onde ficava a linha férrea, imito o melhor que posso, o som duma corneta, o apito duma locomotiva e o resfolgar do vapor. O homem, olhando boquiaberto, e, provavelmente, julga-nos doidos.

Entramos depois noutro estabelecimento com pretensões a capelista, onde repito a mímica expressiva sem resultado. Brito Pais, do lado, chama-lhes brutos em bom português.

E, julgando que me ocorria uma idéa genial, indico que desejo escrever. O homem traz-me papel e um pincelinho molhado em tinta, com que eles escrevem.

A traços simples, que uma criança compreenderia, desenho um comboio, — máquina fumando abundantemente, tender, carruagens.

O estafermo faz um «ah!» de quem compreendeu enfim, e... traz-nos cigarros.

O jejum em que nos mantinhamos desde pela manhã, o longo e acidentado vôo, e, finalmente,

a caminhada do campo onde aterrâramos para a cidade, — dois quilómetros puxados, abria-nos o apetite, e tornava pouco agradável a perspectiva de passar ali a noite. A tarde sombria ia caindo, e fartos de interrogações baldadas, decidimos ir em exploração até à extremidade oposta da cidade.

A duzentos metros, avistamos uma estação. Corremos para ela debaixo dum lençol de agua, — a chuva não pára, — e, aí! de nós, encontramos chineses ainda.

Na gare há uma sentinela que pertende impedir-nos a passagem. Mas de dentro, sae um grupo, que deve ser de oficiais, porque nos oferecem chá, sem assucar, cigarros ingleses, e nos mostram com grandes demonstrações de alegria uma grande bandeira preta, pintalgada de branco por estranhos caracteres chineses. Ou porque sejam mais esperdos, ou porque a nossa gesticulação seja mais expressiva, apontam-nos um casinôto a um quilómetro, a alfândega chinesa, na fronteira dos territórios de Hong-Kong, onde um empregado arranha vagamente o idioma de Shakspeare.

O homem aconselha-nos a prosseguir, e, quinhentos metros mais longe, entramos na gare de Fan-ling, em território inglês.

Brito Pais, queixa-se freqüente vezes de dores no peito, nos braços, e, sobretudo, num tornozelo, que o impede de andar.

Deixo na estação onde um comboio chega, e tomando lugar numa cadeirinha de bambu e verga que dois "coolies" transportam, volto ao local onde aterrâmos, que é, sabemos agora por informações, um cemitério chinês.

A travessia, nos solavancos da caranguejola é peor que uma viagem de barco, e o mar agitado. Enjôo quási.

E ao chegar junto da "Pátria II", deparo com uma multidão de chineses, que, para se abrigarem da chuva, tomou d' assalto o avião e se instalou nas azas inferiores, com uma inconsciência que me revolta.

Alguns soldados, entre os quais a custo reconheço aquêle a quem confiâramos a guarda do aparelho, (os chineses são todos iguais), fazem causa comum com o povo.

Explico por gestos que é necessário descer. Mas a malta fmpávida não entende, ou não quer entender.

Tiro o que posso, (bagagens, cartas, alguns instrumentos de bordo que me substituem no cómodo veículo e regresso a Fan-ling, quási correndo atrás dos "coolies" que deslisam no caminho como se tivessem azas nos pés. Só ao che-

gar me lembro que não temos dinheiro chinês. Num gesto superior, entrego-lhes a prata que nos sobejou do Hanoi. Mas os endiabrados, barafustam numa algazarra infernal, e só quando, pelo telefone, consigo da gentileza do Inspector dos Caminhos de Ferro que o chefe da gare pague aos homens, o berreiro cessa, e nós entramos na caruagem que nos depõe em Kow-lung, pelas 7 horas da noite, totalmente encharcados e exaustos

«Mac Laren?» perguntamos ao chegar.

«Não há notícias» responde laconicamente um inglês.

A Inglaterra faltára ao rendez-vous. Mas Portugal, embora com ligeiro atraso, não deixara de comparecer no dia marcado.

A colónia portuguesa recebe-nos no Club de Recreio, onde o consul de Portugal, Cerveira de Albuquerque, nos dá comovidamente as boas vindas, num entusiasmo sincero que nos compensa largamente dos transe angustiosos da última etape. É sob o tecto amigo da sua casa que êle nos alberga, depois da tragédia inconcebível que as palavras não traduzem, dêsse dia 20 de Junho, em que o «Pátria II», arrostando contra o temporal, voou sôbre a cidade de Macau.

O vôo durára 4 horas e 50 minutos. A distância percorrida fôra de 1050 quilómetros. E a velocidade média na última hora, atingira 262 quilómetros.

SARMENTO DE BEIRES.



CABEÇA DE EXPRESSÃO
POR MARTINHO DA FONSECA